

BILHETE DA LOUCURA

LETTER OF MADNESS

Emmanuel Carneiro Leão¹

RESUMO

No dia 4 de janeiro de 1889 Nietzsche foi acometido de colapso mental em plena rua de Turim. A paralisia geral progressiva inicia “os anos da loucura” até à morte em 1900. Desde então, discute-se, a propósito de Nietzsche, as relações entre a doença mental e a criação, de modo geral, e, de maneira particular, entre Nietzsche, o filólogo, o filósofo da cultura, o crítico da arte, o poeta, o pensador, e a paralisia geral.

Palavras-chave: Nietzsche; Loucura; Filosofia.

ABSTRACT

On January 4, 1889, Nietzsche suffered a mental breakdown in the middle of Turin. Progressive general paralysis begins “the years of madness” until death in 1900. Since then, the relationship between mental illness and creation in general, and in particular between Nietzsche, has been discussed with regard to Nietzsche, philologist, philosopher of culture, art critic, poet, thinker, and general paralysis.

Keywords: Nietzsche; Madness; Philosophy.

¹ Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Professor de Filosofia no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ.

Vestígio é anúncio. Indica o que não se mostra em si mesmo, mas que se apresenta pelas referências que dá de si com a presença de outro. Investigar é viajar por dentro dos vestígios. Com as referências, o investigador constrói uma via de acesso para o que se anuncia nos anúncios dos vestígios. Neste sentido é que o professor Elso Arruda empreendeu uma investigação sobre “importantes aspectos da vida, personalidade, experiências, padecimentos e moléstias de Friedrich Nietzsche” e as influências e modificações que execram “na obra, na escolha dos temas, no filosofar, nas atitudes, no modo de exibir e no trágico fim” do pensador alemão.

No mesmo dia do colapso mental em Turim, Nietzsche escreveu alguns bilhetes a vários amigos. São os chamados *Wahnzetteln*, “bilhetes da loucura”! Entre eles encontra-se um remetido ao amigo dinamarquês, Jorge Brandes. É que, no ano letivo de 1888/1889, Brandes iniciara na Universidade de Copenhague um curso sobre o *Zarathustra*. Era um sinal. Desencadeara-se em Nietzsche toda uma avalanche de pensamentos a respeito das relações de criatividade entre os homens. No bilhete, Nietzsche reúne com um supremo esforço de pensamento todo o sabor que lhe trouxera a experiência de provocação das diferenças no espaço de encontro e desencontro entre pensadores. E o exprimiu em três verbos com toda a simplicidade das palavras verdadeiramente pensadas: *entdecken* = descobrir, *finden* = encontrar e *verlieren* = perder. O teor do bilhete é o seguinte.

Turim, 4/01/1889

*Depois de me teres descoberto, não foi difícil me encontrar: a dificuldade agora é me perder...
O Crucificado.*

E ainda chamam um bilhete deste de “bilhete da loucura”, quando na verdade apresenta a lucidez e perspicácia de pensamento dos grandes pensadores. Não se nega que possa ter ou mesmo que tenha algum significado de uma desestruturação mental. Mas este é um significado apenas psicológico e individual que só poderia interessar o próprio Nietzsche, como singularidade biográfica sem história nem universalidade. Em nada ajudaria a compreender o pensamento de Nietzsche ou a despertar a provocação do pensamento e muito menos a libertar a experiência originária da criação nas peripécias eventuais e biográficas de indivíduos, grupos, épocas ou instituições. Por isso devemos mudar de nível e tentar um outro endereço.

Nietzsche é o criador. Não será, então, que, no bilhete, ele não está falando de si mesmo, mas do pensamento e de seu modo estranho de operar, isto é, de como o pensamento se põe em obra, age e trabalha? Neste caso, os verbos não falam apenas de Nietzsche e seus escritos nem falam de sua condição mental, mas dos criadores de todos os tempos e de suas obras, qualquer que seja a situação de cada um.

Assim, não se pode compreender o bilhete sem uma radicalização da tarefa criadora do pensamento. E em consequência só se poderá entender Nietzsche se se conseguir ler sua escritura numa leitura libertadora de nosso pensamento, isto é, numa leitura que liberte nosso pensamento para a liberdade de pensar. Não existe um método de leitura nem uma filosofia que nos proporcionasse as condições para uma compreensão livre e criadora de um bilhete de pensamento. Numa própria filosofia de Nietzsche nos garante uma leitura livre de seu texto. Pois toda obra criadora, caso seja realmente criadora, isto é, uma obra que nos liberte a capacidade de pensar, transcende sua própria filosofia, ultrapassa seu próprio modelo, remetendo-nos para fora e para além da posição fundamental em que ela mesma se planta. O único sentido de uma obra filosófica é precisamente rasgar novos horizontes, é desencadear novos impulsos, é instaurar novo princípio, em que os recursos, os caminhos e princípios da obra se apresentem superados e insuficientes, se mostrem exauridos e ultrapassados pelo novo nascimento histórico. As pressuposições e as condições de uma obra não são suficientes para explicá-la nem bastam para uma leitura criadora de seu pensamento. Uma obra de pensamento, instituindo novos parâmetros de questionamento, cria novas regras de leitura. Ora, toda explicação recorre ao já existente, remete para o já sabido. Por isso, também fica excluído de qualquer explicação tudo que for libertador e criativo, tudo que inaugurar uma nova época histórica. E não é somente isso. O predomínio das explicações destila por toda toda parte uma compulsão de repetição a que nada poderá resistir, como se já não pudesse haver nenhuma criatividade e tudo se reduzisse à miragem de um deserto monótono e incapaz tanto de viver como de morrer. É este o sentido profundo da sequência dos verbos, “descobrir”, “encontrar” e “perder”, que constituem a última lucidez de pensamento de Nietzsche no próprio dia em que se foi apagando toda a sua criatividade.

